

# “BICHAS PRETAS” NA DISPUTA POR REPRESENTATIVIDADE MIDIÁTICA

---

*“Black fags” in the dispute for media representation*

*“Maricas negras” en la disputa por la representación de los médios*

---

## Renata Rezende

Doutora em Comunicação com estágio de pesquisa de pós-doutorado na Université René Descartes, ParisV/Sorbonne. Professora e Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense

E-mail: [renatarezende@id.uff.br](mailto:renatarezende@id.uff.br)

## Diego Cotta

Doutorando e Mestre em Mídia e Cotidiano pela Universidade Federal Fluminense. Graduado em Comunicação Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

E-mail: [diegocotta@id.uff.br](mailto:diegocotta@id.uff.br)

---

## Resumo

O artigo problematiza as narrativas discursivas de jovens denominados “bichas pretas”, a partir das intersecções entre homofobia e racismo. Por meio de pesquisa em doze canais do YouTube, em abordagem inicial, explicitamos a reivindicação por imagens que objetivam resistir ao apagamento de subjetividades negras e gays na mídia. Metodologicamente, a análise segue percurso bibliográfico e investigação exploratória para debater o YouTube como ferramenta de vocalização de sujeitos oprimidos pela heteronormatividade e racismo.

**Palavras-chave:** Juventude; Gerações; Racismo; Homofobia; Interseccionalidade;

## Abstract

The article discusses discursive narratives of young people called “black fags”, based on the intersections between homophobia and racism. Taking twelve YouTube channels as a cut, in an initial approach, we explain the demand for images that resist the erasure and annihilation of black and gay subjectivities in the media. Methodologically, the analysis follows an exploratory path to debate YouTube as a tool for vocalizing subjects oppressed by a heteronormative and racist society.

**Keywords:** Youth, Generations, Racism, Homophobia, Intersectionality

## Resumen

Este artículo analiza las narrativas discursivas de los jóvenes llamados “maricas negras”, basados en las intersecciones entre la homofobia y el racismo. Tomando doce canales de YouTube como cortes, en un estudio introductorio, explicamos la demanda de imágenes que resisten el borrado y la aniquilación de las subjetividades negras y homosexuales en los medios. Metodológicamente, el análisis sigue un camino exploratorio para debatir en YouTube como una herramienta para vocalizar temas oprimidos por una sociedad heteronormativa y racista.

**Palabras clave:** Juventud, Generaciones, Racismo, Homofobia, Interseccionalidad

## Introdução

A cidade de São Paulo sediou o I Seminário Nacional de Saúde da População Negra na Atenção Primária, em 21 de maio de 2019. Durante o evento, o Ministério da Saúde divulgou materiais relacionados ao tema, como a cartilha “Óbitos por Suicídio entre Adolescentes e Jovens Negros”, revelando que, entre 2012 e 2016, houve um aumento de 12% no risco de suicídio para jovens negros com até 29 anos. Os dados mostraram, ainda, que entre jovens negros nessa mesma faixa-etária, o índice de suicídio é 45% maior do que o de brancos. Quando se calcula essa taxa entre os jovens e adolescentes negros do gênero masculino, a probabilidade de suicídio é 50% maior nesta parcela do que entre brancos na mesma idade (BRASIL, 2018).

A pesquisa que deu origem à cartilha, realizada junto à Universidade de Brasília (UnB), investigou os casos de suicídio no país, a partir de dados do Sistema de Informação sobre Mortalidade do Ministério da Saúde, que foram correlacionados com as estatísticas do IBGE sobre o perfil racial do Brasil e a população por faixa etária, tornando possível o cálculo da taxa de suicídio para cada grupo. Já a classificação por faixa etária foi orientada pelas definições da Organização Mundial de Saúde (OMS), a saber: pessoas entre 10 e 19 anos foram consideradas adolescentes e, entre 20 e 29 anos, jovens.

De cada dez suicídios entre adolescentes e jovens, aproximadamente seis são de negros e quatro de brancos. Segundo o Ministério da Saúde, “os modos de adoecer e morrer da população negra no Brasil refletem contextos de vulnerabilidade que são expressos em iniquidades em saúde” (BRASIL, 2018, p.2). Para a coordenadora do estudo e presidente da Associação de Medicina da Família e Comunidade do Rio de Janeiro, Rita Borret, é na faixa etária da juventude que as pessoas “se descobrem como identidade” e se “percebem como indivíduos”<sup>1</sup>.

*Em uma sociedade que é racista, que entende que o negro necessariamente é inferior, subjugado, isso traz um grau de sofrimento muito maior e leva ao adoecimento e às tentativas de suicídio. Esse é simplesmente o mais alto*

*grau de sofrimento que uma pessoa pode experimentar. A grande causa é o racismo estrutural, que define praticamente toda a nossa sociedade e que determina os lugares sociais a partir da raça com que as pessoas nascem. É uma questão estrutural porque constrói uma sociedade desigual. Os negros são considerados incapazes, selvagens (BORRET, 2019, s. p.).*

Outra pesquisa realizada no Reino Unido, e publicada no periódico científico The Lancet Child & Adolescent Health, revela que sintomas depressivos e casos de autoflagelação aparecem mais nos relatos de jovens que se identificam como pertencentes a minorias sexuais, incluindo os que se dizem gays, lésbicas, bissexuais, heterossexuais não exclusivos ou têm dúvidas sobre sua orientação sexual. Foram cinco mil pessoas acompanhadas, entre os dez e 21 anos (LEWIS, G; IRISH, M; et al; 2018).

Segundo o estudo, jovens de minorias sexuais têm quatro vezes mais chances de praticarem atos de autoflagelação, entre os 16 e 21 anos, que seus colegas heterossexuais, e também têm mais risco de sofrerem com sintomas de depressão a partir dos dez anos de idade. Gemma Lewis, líder da pesquisa da University College London, se preocupa com a saúde mental desses jovens no longo prazo, mesmo com as “mudanças na percepção e atitudes públicas”. Para ela, as estatísticas “destacam a importância de tratar a saúde mental em vista da autoidentificação e rotulagem de orientações sexuais minoritárias”. E conclui: “é imperativo que encontremos novas maneiras de alcançar estes adolescentes”<sup>2</sup>.

A conclusão de Lewis somada à cartilha do Ministério da Saúde brasileiro nos faz refletir sobre os aspectos do sofrimento da população negra jovem, que leva ao suicídio, à depressão e ao autoflagelamento<sup>3</sup>. Quando relacionamos questões como raça, orientação sexual e identidade de gênero, podemos inferir que este sofrimento recrudescerá ainda mais.

<sup>1</sup> Entrevista concedida a André Cabette Fábio e publicada no Nexo Jornal em 7 de junho de 2019. Disponível em <<https://tinyurl.com/y3kxqlv4>> Acesso em 27 de março de 2020.

<sup>2</sup> Entrevista concedida a Cesar Baima e publicada no O GLOBO em 12 de dezembro de 2018. Disponível em <<https://glo.bo/2X0Diyd>> Acesso em 27 de março de 2020.

<sup>3</sup> Essa reflexão também faz parte da pesquisa “Juventude e suicídio: percursos midiáticos e suas interfaces com a Educação”, realizada pelos autores no âmbito de pesquisa do MULTIS - Núcleo de Estudos e Experimentações do Audiovisual e Multimídia, financiada pela FAPERJ.

Nesse contexto, que práticas no cotidiano<sup>4</sup> poderiam ser compreendidas como heterotopias (para jovens negros), no sentido foucaultiano (2009) que leva em conta espaços com múltiplas camadas de significação? Quais seriam as resistências às narrativas distópicas produzidas nessa ambiência?

A situação da juventude negra se torna bastante complexa quando a analisamos sob a perspectiva das intersecções entre racismo e homofobia. Há muitos exemplos de como a heteronormatividade<sup>5</sup> atravessa e enquadra corpos e existências, inclusive dentro de espaços constituídos por lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, intersexo (LGBTI+), etc. Frente a isso, no presente urgente de nosso tempo, observamos a emergência de iniciativas que resistem e afirmam outras possibilidades, outros corpos. Diferentes imagens têm se multiplicado e fortalecido um movimento insurreto, que não só propõe, mas também pratica, discursivamente, diferentes vivências possíveis. Quando olhamos para a ambiência midiática, percebemos uma efervescência na cena da juventude afro-gay-digital, a partir de experiências encarnadas que disputam midiaticamente outras narrativas, na tentativa de escapar à distopia. Afinal, o que é ser “bicha”, preta e jovem no Brasil, onde 67% da população busca informação, prioritariamente, via redes sociais digitais<sup>6</sup>?

Jésio Zamboni (2016) explica que o homossexual aceito pela sociedade se posiciona em oposição à “bicha”, pois esta desestabiliza o status quo e rompe com certa assepsia e modelo que a cisheteronormatividade impõe aos homossexuais masculinos. Segundo o autor, a “bicha” traça sua linha de fuga dos olhares inquisitivos de uma sociedade empenhada em normatizar corpos dissidentes cotidianamente, por muitas vezes pelos próprios homossexuais, que a ridiculiza em um movimento de autoproteção da homofobia a qual também está submetida.

*Pretende-se assim demonstrar que o bom homossexual é o gay e que a bicha é uma má cópia do homossexual ideal, igualitário. Mais ainda, ela é uma cópia degradada, um simulacro da essência real da homossexualidade que o gay representa. Sendo assim, a bicha não chegaria nem mesmo a ser um conceito, mas apenas um preconceito a ser exterminado (ZAMBONI, 2016, p.22).*

Portanto, gay e “bicha” são categorias diferentes, pois retratam comportamentos assimétricos em relação à vida cotidiana. Como afirma Megg Rayara de Oliveira (2018, p.139), “a bicha preta não dialoga com a biche de origem francesa e burguesa. Seus sinais estão assinalados no regime escravista. É ali que ela brota. Ao contrário da bicha branca burguesa, a bicha preta sai às ruas e desafia não apenas as normas de gênero, mas a sociedade como um todo”.

Em novembro de 2018, o canal do YouTube Muro Pequeno<sup>7</sup>, que conta com quase 120 mil inscritos, publicou uma série de cinco vídeos intitulada #HomemNegro. A realização foi apoiada pelo programa Creators for Change, do próprio YouTube, que é “uma iniciativa global contínua e que destaca criadores de conteúdo inspiradores que usam a plataforma para iniciar conversas produtivas sobre temas delicados e gerar um impacto positivo no mundo”<sup>8</sup>. O quinto vídeo da série, nomeado de “Bichas pretas e a masculinidade”<sup>9</sup>, com mais de 15 mil visualizações, reuniu doze reconhecidos youtubers<sup>10</sup> para falar sobre suas vivências e propor reflexões para a construção de novas masculinidades. São eles: Claudio Lima<sup>11</sup>, Jean Fontes<sup>12</sup>, Cleyton Santana<sup>13</sup>, Spartakus Santiago<sup>14</sup>, Biel Braga<sup>15</sup>, Sam

4 Nossa compreensão de cotidiano é tomada a partir de Maffesoli (2008), para quem é associado ao tempo presente e caracterizado por uma profusão de formas, imagens e processos que permeiam a vida social e o “estar juntos”. Tais imagens agregam ou desagregam os indivíduos, irrompem de diversas formas e são dotadas de significado pela dinâmica da própria vida social, tornando-se símbolos culturais.

5 Nesse texto, nos referimos à heteronormatividade a partir de Butler (2003), que aponta tal noção assentada a partir da prevalência de uma concepção binária do sexo e do gênero.

6 Relatório produzido pela agência Quartz. Disponível em <<https://bit.ly/1Gawmdf>> Acesso em 27 de março de 2020. Tomamos aqui as redes sociais digitais – sites de redes sociais – a partir de Recuero (2009) que considera como um conjunto de dois elementos atores (pessoas, instituições, ou grupos que seriam os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais). Ver in: RECUERO, Raquel. Redes Sociais na Internet. Porto Alegre, Sulina, 2009.

7 Ver em <<http://tiny.cc/tc5kmz>> Acesso em 06 de abril de 2020.

8 Ver mais em <<https://bit.ly/2S0Ifii>> Acesso em 16 de julho de 2019.

9 Assistir em <<https://bit.ly/2JDeQcs>> Acesso em 16 de julho de 2019.

10 Personalidade, celebridade ou criador de conteúdo da plataforma YouTube.

11 Ver em <http://tiny.cc/c07kmz> Acesso em 06 de abril de 2020.

12 Ver em <http://tiny.cc/6s5kmz> Acesso em 06 de abril de 2020.

13 Ver em <<http://tiny.cc/4l5kmz>> Acesso em 06 de abril de 2020.

14 Ver em <http://tiny.cc/ek5kmz> Acesso em 06 de abril de 2020.

15 Ver em <<http://tiny.cc/th6kmz>> Acesso em 06 de abril de 2020.

Santos<sup>16</sup>, Samuel Gomes<sup>17</sup>, Marco Antônio Fera<sup>18</sup>, Valtinho Rege<sup>19</sup>, Jota C. Santos<sup>20</sup>, Joely Nunes<sup>21</sup> e Murilo Araújo<sup>22</sup>.



**Figura 1.** Mosaico dos doze *youtubers* que participaram do vídeo “Bichas pretas e a masculinidade”

16 Ver em < <http://tiny.cc/lm6kmz> > Acesso em 06 de abril de 2020.

17 Ver em < <http://tiny.cc/ar6kmz> > Acesso em 06 de abril de 2020.

18 Ver em < <http://tiny.cc/5v6kmz> > Acesso em 06 de abril de 2020.

19 Ver em < <http://tiny.cc/vz6kmz> > Acesso em 06 de abril de 2020.

20 Ver em < <http://tiny.cc/la7kmz> > Acesso em 06 de abril de 2020.

**Fonte:** Fotos dos influenciadores disponibilizadas no YouTube em montagem realizada por Stephanie Gracie, a pedido dos autores

Dois aspectos atravessaram o debate: primeiro, o modo como as vivências desses jovens com o racismo são diferentes por serem gays; segundo, pela forma como a própria comunidade LGBTI+ ainda reproduz estereótipos e padrões racistas que impactam diretamente suas vidas.

Excetuando o canal do YouTube de Spartakus Santiago, que tem sua inscrição na plataforma datada em 13 de outubro de 2007, todos os outros canais de “bichas pretas” supracitados foram criados após o ano de 2010, ou seja, estamos diante de uma tecnologia de subjetivação e expressão identitária midiaticizada bastante recente e peculiar. Ainda que os canais abordem temas similares, suas linguagens e estéticas são diferenciadas e denotam a riqueza das especificidades e os modos de fazer de cada comunicador. A partir dos exemplos desses *youtubers*, nosso objetivo é compreender o papel desses influenciadores na construção de heterotopias (FOUCAULT, 2009) que confrontam narrativas distópicas<sup>23</sup> da supremacia branca e heterossexual, a partir de processos de subjetivação e construção identitária de jovens gays negros na mídia.

Metodologicamente, nossa pesquisa realiza uma análise exploratória inicial do conteúdo desses canais, na tentativa de lançar luz sobre o debate do YouTube<sup>24</sup> como ferramenta de vocalização de sujeitos marginalizados e oprimidos por uma sociedade heteronormativa e racista. Nesse sentido, acreditamos que o uso dessa plataforma possibilitou a ampliação e difusão de contra-discursos desses jovens. Por isso, nesse primeiro momento, não se trata de uma análise de discurso ou de conteúdo tradicionais. Nossa intenção é expandir as possibilidades de análises sobre os usos do YouTube, ou como acredita Maffesoli (1995), tentar desvendar a profundidade contida na aparência.

Jean Burgess e Joshua Green (2009) tomam essa plataforma a partir de uma política de cultura popular participativa e afirmam que o YouTube é

21 Ver em < <http://tiny.cc/qf7kmz> > Acesso em 06 de abril de 2020.

22 Idem nota 7.

23 Versões antiutópicas, isto é, propagação de histórias e replicação de representações sobre sujeitos e povos vivendo em condições de extrema opressão, desespero ou privação.

24 Plataforma de compartilhamento de vídeos. Ver mais em [www.youtube.com](http://www.youtube.com)

o conjunto de mídia de massa do século XXI. Para Jenkins (2009, p.357), o YouTube foi fundamental para romper com a lógica da mídia de massa tradicional, principalmente atrelada à Televisão, na medida em que passou a funcionar como uma rede de produção e distribuição de conteúdos alternativos.

No atual contexto mercadológico, e pela estrutura da internet e da própria ferramenta, não é possível desconsiderar, evidentemente, os conflitos e choques de interesses<sup>25</sup>. Mas a despeito dessas tensões, o que nos interessa investigar é o importante espaço de sociabilidade desenvolvido nessa ambiência. Há uma série de procedimentos que engendram diferentes agrupamentos e comunhões emocionais (MAFFESOLI, 2014), nas quais as identidades criam identificações. Nessa perspectiva, nossa escolha pelo YouTube deveu-se às apropriações e mobilizações dessas “bichas pretas” correlacionadas à intensidade dos fluxos informacionais, através da profusão de imagens, sons e textos que trazem à tona questões fundamentais sobre representatividade à luz das novas mídias.

### **Técnicas de si: quando “bichas pretas” se narram**

A luta por visibilidade dos movimentos identitários têm mobilizado inúmeros pesquisadores que se debruçam sobre os estudos da sociedade e da cultura. Desde os anos 1960, com a ascensão do multiculturalismo, pensadores ditos pós-estruturalistas, como Michel Foucault, Gilles Deleuze, Félix Guattari, entre outros, valorizaram os agenciamentos dos indivíduos e suas práticas, ainda que no campo das micropolíticas, como potências disruptivas do status quo, ou melhor, como alternativas de resistência aos estados de dominação. Foucault, por exemplo, já alertava que o cotidiano está impregnado por relações de poder, que podem ser exercidas entre indivíduos, no âmbito familiar, na escola, na política, etc. A questão é quando tais relações de poder não são maleáveis e cristalizam estados de dominação de indivíduos ou grupos sobre outros, gerando um campo complexo de disputa de forças.

Ainda que os estados de dominação pertinentes às relações de poder demonstrem fixidez e irreversibilidade, o próprio autor defende que há

possibilidades de resistência à dominação:

*Nas relações de poder, há necessariamente possibilidade de resistência, pois se não houvesse possibilidade de resistência - de resistência violenta, de fuga, de subterfúgios, de estratégias que invertam a situação - não haveria relações de poder. (...) Se há relações de poder em todo o campo social, é porque há liberdade por todo lado. Mas há efetivamente estados de dominação. Em inúmeros casos, as relações de poder estão de tal forma fixadas que são perpetuamente dessimétricas e que a margem de liberdade é extremamente limitada (FOUCAULT, 2014, p. 270 e 271).*

É importante frisar que a dominação de grupos por outros se dá de diversas maneiras e se vale de inúmeras estratégias, sem que esqueçamos os conflitos e as negociações inerentes às relações. Na sociedade contemporânea, a conquista do discurso hegemônico que vai respaldar o estado de dominação e atravessar tais relações, propiciando a já citada fixidez, terá na mídia o ambiente propício para seus intentos. Um forte aparato midiático capaz de difundir os discursos de dominação é investido por grupos, classes, indivíduos, organizações, de modo que a vida, a cultura, os códigos sociais, as existências e vivências sejam codificadas, padronizadas e normatizadas, para não dizer silenciadas, aniquiladas e violentadas.

A hegemonia se dá não apenas pela força física, material ou coerção, com o militarismo ou a economia, mas também pela difusão de ideias, imagens e discursos, a partir de estratégias de argumentação e persuasão no cotidiano. Mecanismos de controle ideológico são postos em funcionamento, visando à conquista do consentimento da opinião pública e da manipulação do imaginário social, fazendo com que tudo pareça natural e irreversível.

Douglas Kellner (2001), mobiliza não apenas as teorias marxistas de classe, mas também conceitos feministas e multiculturalistas de raça, etnia, orientação sexual, entre outros, para explicitar toda sorte de representações em disputas de identidade, dominação e resistência, que são basilares do que ele chama de cultura da mídia.

---

<sup>25</sup> É preciso ressaltar que o YouTube é de propriedade da Google, uma das empresas mais valiosas do mundo. Há diversas questões que envolvem coleta e uso indevido de dados, entre outras polêmicas que não são objetivo desse texto.

*Isso significa não só ler essa cultura no seu contexto sociopolítico e econômico, mas também ver de que modo os componentes internos de seus textos codificam relações de poder e dominação, servindo para promover os interesses dos grupos dominantes à custa de outros, para opor-se às ideologias, instituições e práticas hegemônicas, ou para conter uma mistura contraditória de formas que promovem dominação e resistência. Portanto, ler politicamente a cultura da mídia significa situá-la em sua conjuntura histórica e analisar o modo como seus códigos genéricos, a posição dos observadores, suas imagens dominantes, seus discursos e seus elementos estético-formais incorporam certas posições políticas e ideológicas e produzem efeitos políticos (KELLNER, 2001, p. 76).*

É nesse contexto de relações de poder que corpos subalternizados e vivências violentadas pela dinâmica da invisibilidade e exclusão resistem; e é sobre esta brecha que este texto se debruça. De que maneira e quais estratégias estão sendo tecidas por “bichas pretas” que resistem à norma no cotidiano? Que tipos de práticas são instauradas por jovens gays negros, especialmente no campo das imagens, que refutam estados de dominação e azeitam relações de poder, tornando-as mais fluidas e permitindo outras possibilidades de vida?

Canais do YouTube protagonizados por “bichas pretas”, que alcançam milhares de visualizações todos os dias na Internet, parecem emergir como resistências ao sistema social heteronormativo e racista. Para escapar ao aniquilamento de suas subjetividades (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2019), jovens gays negros encontram na plataforma de compartilhamento de vídeos uma válvula de escape à opressão cotidiana que sofrem. É nesse território virtual que “bichas pretas” criam dobras, promovendo debates, provocações e reflexões sobre seus sentires e suas vivências, em uma pulsante construção identitária midiaticizada.

Juntos, os doze canais colecionam mais de dois milhões de inscritos no YouTube com promessa de produção semanal de conteúdos, que até o início de dezembro de 2019, tiveram mais de duzentos milhões de

visualizações. Samuel Gomes, do canal “Guardei no Armário”, por exemplo, publicou 194 vídeos até o período relatado, sendo dois deles sobre suas percepções enquanto ex-evangélico que frequentava a Congregação Cristã no Brasil (CCB); os vídeos angariaram cerca de dez mil visualizações no YouTube<sup>26</sup>.

Outro exemplo de alcance dos conteúdos para esta paisagem de pesquisa é o vídeo “A solidão do gay negro: Desabafo e mensagem pras bichas pretas”<sup>27</sup>, de Spartakus Santiago, que possui mais de duzentas mil visualizações e 3.383 comentários no YouTube. Nele, o digital influencer conta a seus seguidores como foi o processo de descoberta de sua sexualidade e as maneiras pelas quais seu corpo era atravessado pelas dinâmicas do racismo e da homofobia interseccionalizados. Em um tom emotivo, Spartakus explicita e exemplifica diversas formas de violência aos quais sua mente e corpo foram submetidos, à luz de práticas machistas, racistas e homofóbicas durante a juventude.

O sofrimento e a dificuldade de relacionamento com pessoas brancas que Spartakus descreve no vídeo supracitado também são pautas de Cleyton Santanna. Na postagem “Eu te avisei Palmiteiro”<sup>28</sup>, com mais de 16 mil visualizações no YouTube, a “bicha preta” fala sobre preterimento de negros nas baladas, rejeição e hipersexualização do corpo preto, afirmando que os gostos são construídos socialmente e sugerindo que estão sob a égide de uma cultura racista e homofóbica. Questões que são representadas no clipe da música “Além do Estalo”<sup>29</sup>, de Claudio Lima, que além de contar com mais de 15 mil views nesta plataforma de streaming, traz versos reflexivos como “posso amar, posso dar amor, mesmo com tanta dor” e “sou mais que a carne que como”.

O empoderamento e a autoafirmação são características promovidas pelos youtubers em questão. Jota Santos, por exemplo, com seu vídeo “Tipos de Dreads”<sup>30</sup>, com mais de 27 mil visualizações, estimula a autoestima de seus espectadores ao dar dicas da melhor maneira de manuseio dos cabelos crespos. Por um outro prisma, tais pautas também foram trabalhadas por Valter Rege, que no vídeo “Seus sonhos te movem?”<sup>31</sup>, provoca os inscritos do canal a refletirem sobre suas situações de vida. Com cerca de cinco mil

26 Assistir em <https://bit.ly/2JtKObz> e <https://bit.ly/2w385xX> Acesso em 31 de março de 2020.

27 Assistir em <<https://tinyurl.com/vmxuz45>> Acesso em 10 de fevereiro de 2020.

28 Assistir em <https://bit.ly/2Yg8kkj> Acesso em 20 de agosto de 2020.

29 Assistir em <https://bit.ly/2EeuJXX> Acesso em 20 de agosto de 2020.

30 Assistir em <https://bit.ly/3geBG8w> Acesso em 20 de agosto de 2020.

31 Assistir em <https://bit.ly/3g9rRcl> Acesso em 20 de agosto de 2020.

views, a postagem abarca temas como superação, motivação e ressignificação de sua própria história.

Já Marco Antonio Fera e Sam Santos, com seus respectivos vídeos “Bicha Preta Afeminada”<sup>32</sup> e “Heteronormatividade”<sup>33</sup>, com mais de sete mil visualizações cada um, debatem questões como medo de andar na rua, achincalhe, zombaria, agressões, feminilidade, norma, sofrimento, homofobia, racismo e processo de autoaceitação. Temas que aparecem nas duas postagens, com abordagens diferentes, mas com uma comunhão de reflexões.

De forma mais pragmática, como objeto efetivo de discussão e propósito do vídeo, temos as postagens de Biel Braga e Jean Fontes, que debatem a representação e a representatividade de “bichas pretas” na mídia. No vídeo “Me Solta – Crítica a Nego do Borel”<sup>34</sup>, com cerca de oito mil visualizações, Fontes questiona o reforço de estereótipos que a circulação do clipe do funkeiro gera para a comunidade negra e gay, perpetuando estigmas e praticando racismo recreativo. Já Biel, a partir do humor, se dirige às marcas e reivindica mais visibilidade para “bichas pretas”. Seu vídeo “Descobriram que preto é gente”<sup>35</sup>, com mais de 23 mil views, fala sobre poder de influência, propaganda e mercado publicitário.

De forma geral, a construção imagética desses canais segue a lógica dos mesmos de influenciadores digitais: as ações dos youtubers pautam-se em uma performance de intimidade, com enquadramentos mais fechados (planos curtos ou médios), olhar direcionado para a câmera e ambiente cotidiano. Como realizamos uma investigação inicial, mais direcionada às abordagens dos conteúdos e as pautas tratadas nos vídeos, não entramos nas análises de imagem nesse texto.

Nossa tentativa foi evidenciar que, embora haja diversidade nas linguagens e nos modos de produzir tais conteúdos, as “bichas pretas” da contemporaneidade dão passos significativos no fortalecimento de uma rede virtualizada, cuja característica central é a produção de subjetividades a partir de um espaço de cura, atrelado a opressões sofridas cotidianamente por esses sujeitos “assujeitados”. Esse reestabelecimento da saúde mental, e até mesmo corpórea das “bichas pretas” pode ser compreendido à luz dos escritos das

teóricas feministas bell hooks (1993) e Djamila Ribeiro (2018). Ainda que as autoras estejam se referindo à saúde de mulheres negras, por analogia, podemos aferir que o autoconhecimento e o autocuidado são processos afetivos que auxiliam na cura das feridas perpetradas por uma sociedade machista, racista e patriarcal. Ao também compreendermos os canais do YouTube de “bichas pretas” como meios de tais processos, podemos enxergá-los, por conseguinte, como espaços que abrem diálogos para a cura diante das reiteradas tentativas de aniquilamento das subjetividades negras e gays.

Esses espaços propiciam que tais identidades se reconheçam e criem territórios de pertencimento; heterotopias (FOUCAULT, 2009) que comportam milhares de views<sup>36</sup>, desenvolvendo um “comentariado”, isto é, uma interação entre os youtubers e a audiência a partir da discussão dos vídeos, fortalecendo a construção identitária e, consequentemente, delimitando a formulação do grupo.

João Freire Filho (2005) nos lembra que a produção teórica das correntes “pós-modernistas” sobre o caráter político das identidades harmonizou com a agenda de reivindicações da sociedade civil, que estava cada vez mais debruçada sobre as questões identitárias – o que elas significavam, como eram produzidas e questionadas.

*A chamada política de identidade se caracteriza pela afirmação e defesa da singularidade cultural dos grupos oprimidos ou marginalizados. Ativistas negros, feministas e homossexuais estenderam definitivamente o sentido do político para além de suas fronteiras convencionais – sem negligenciar as origens econômicas dos processos de exclusão e a importância das disputas tradicionais pelo acesso às riquezas materiais, ratificaram o caráter estratégico da representação nas diversas instâncias e instituições culturais (materiais didáticos, currículos escolares, meios de comunicação de massa) que afetam o modo como nós vemos e como somos vistos e tratados pelos outros (FREIRE FILHO, 2005, p. 20).*

32 Assistir em <https://bit.ly/2Q8R0ZV> Acesso em 20 de agosto de 2020.

33 Assistir em <https://bit.ly/2CNTEBq> Acesso em 20 de agosto de 2020.

34 Assistir em <https://bit.ly/3hfRXeL> Acesso em 20 de agosto de 2020.

35 Assistir em <https://bit.ly/34foA8N> Acesso em 20 de agosto de 2020.

36 Quantidade de visualizações de determinado conteúdo na Internet.

Quando o autor se refere ao “caráter estratégico da representação”, ele dá pistas de que a disputa por novas narrativas se dá no campo midiático, pois a norma e a regulação de corpos e comportamentos, a partir de uma perspectiva conservadora, constituem os discursos de dominação hegemônicos na contemporaneidade. É na e a partir da cultura da mídia, que a discriminação das “minorias assujeitadas” encontra terreno profícuo para manutenção da fixidez dos estados de dominação por aqueles que não abrem mão de seus privilégios historicamente mantidos, geração após geração.

O processo de produção de sentido e, por conseguinte, de construção de sentidos comuns e da opinião pública, está intrinsecamente ligado às representações que são manipuladas por inúmeros discursos em disputa. Sejam eles naturalizados, legitimados por assim dizer; ou sejam emergentes e marginalizados. Como marca Stuart Hall (2016, p.171), “a ‘naturalização’ é, portanto, uma estratégia representacional que visa fixar a ‘diferença’ e, assim, ancorá-la para sempre. É uma tentativa de deter o inevitável ‘deslizar’ do significado para assegurar o ‘fechamento’ discursivo ou ideológico”.

Seguindo o pensamento de Hall, o trabalho da representação aciona processos de produção de sentido, moldando imaginários e construindo realidades. Se imagens brancas e heterossexuais são replicadas como padrão de consumo, especialmente em uma sociedade imagética, espetacularizada e midiaticizada (MORAES, 2006), esta reprodução massiva constitui uma das táticas que integram modos de forjar aceitação do status quo e, por conseguinte, manter a dominação da branquitude e da heteronormatividade social. Isto porque “culturas estáveis exigem que as coisas não saiam de seus lugares designados. Os limites simbólicos mantêm as categorias ‘puras’ e dão às culturas significados e identidades únicos. O que desestabiliza a cultura é ‘matéria fora do lugar’ - a quebra de nossas regras e códigos não escritos” (HALL, 2016, p.157).

Essa “matéria fora do lugar”, que foge à norma e instaura conflitos vai dando o tom de verdadeiras batalhas midiáticas, como afirma Dênis de Moraes (2009). São lutas discursivas, que dominadores investem e reinventam táticas para o monopólio de órgãos ou veículos de massa formadores de consenso, fazendo parecer natural, inevitável e desejável, por

todos os atores sociais, determinadas formas de ser, agir e existir.

Em relação à representação midiática de jovens negros, há muito que se vociferar e, evidentemente, corrigir. Segundo João Freire Filho,

*Há muito, certamente, o que se protestar (e corrigir) em relação à representação midiática de negros, mulheres, homossexuais, moradores de favelas e comunidades carentes, indígenas, entre outros grupos inferiorizados. Uma abordagem crítica, porém, que não queira cair nas malhas do pessimismo cultural, não pode ignorar o crescente e auspicioso surgimento de novos lugares de enunciação – de “arenas discursivas paralelas” (Fraser, 1989), onde grupos sociais sub-representados nas bancadas parlamentares, nos textos midiáticos e no mundo das artes inventam e circulam contradiscursos, com objetivo de construir interpretações oposicionistas de suas identidades, seus interesses e suas necessidades (FREIRE FILHO, 2005, p.27).*

Nesse sentido, ao percebermos uma proliferação de canais do YouTube protagonizados por jovens “bichas pretas”, que reivindicam em seus discursos um lugar de fala para compartilhar suas vivências e identidades, a partir de seu cotidiano distópico, estamos diante de uma nova tecnologia de subjetivação. Pois, se as relações de poder estão em frequente disputa, será a cultura midiaticizada<sup>37</sup> de nosso tempo o lugar por excelência do confronto, haja vista que é nela onde há compartilhamento de percepções. Como a linguagem produz e fixa sentidos, seus usos e aplicabilidades também serão reinventados por outros sujeitos do discurso, cuja meta é criar brechas capazes de comportar novas representações e novos lugares de enunciação.

## Filhas de seu tempo: “bichas pretas” e YouTube

Não é de hoje que a branquitude das imagens midiáticas correlacionadas com a representação heteronormativa de seus personagens vêm sendo questionada por aqueles que ocupam as margens. Nos anos 1980, o documentário *Tongues Untied* (1989), dirigido por Marlon Riggs, debateu

<sup>37</sup> Tomamos o conceito de “Midiaticização” a partir de Stig Hjarvard (2014), para quem a midiaticização intensiva da cultura e da sociedade não se limita à formação da opinião pública, mas atravessa quase todas as instituições sociais e culturais das relações.

as angústias do gay negro, que se via inadequado e invisível diante da cultura gay estadunidense. Riggs chegou a dizer que o filme era para "(...) quebrar o silêncio brutalizador da nação em questões de diferença sexual e racial". Em 2016, o filme foi selecionado para ser exibido no 66º Festival Internacional de Cinema de Berlim, por ocasião do 30º aniversário do Teddy Awards.

Recentemente, o filme "Moonlight: Sob a luz do luar", de Barry Jenkins se tornou o Melhor Filme do Oscar de 2017, ao contar a história de um menino negro da periferia de Miami (EUA), que é vítima de sucessivas violências relacionadas à homofobia e ao racismo. A vitória também pode significar uma reação da Academia de Artes e Ciência Cinematográficas de Hollywood à campanha #OscarSoWhite, que fazia duras críticas à ausência de artistas negros no Oscar do ano anterior<sup>38</sup>. A perspectiva interseccional de aniquilamento de subjetividades de Moonlight dialoga com as angústias, a solidão e o sofrimento narrados por Marlon Riggs, em Tongues Untied. Como Walter Benjamin (2012, p.242) previu: "existe um encontro secreto marcado entre as gerações precedentes e a nossa. Então, alguém na terra esteve à nossa espera. Se assim é, foi-nos concedida, como a cada geração anterior à nossa, uma frágil força messiânica para qual o passado dirige um apelo". É um exemplo para refletirmos sobre a transformação e uma espécie de continuum insurreto por imagens que desloquem a branquitude e a heterossexualidade da centralidade das representações.

No Brasil, obras como "Afronte" (2017), de Bruno Victor e Marcus Azevedo; "Bixa Travesty" (2018), de Claudia Priscilla e Kiko Goifman e "NEGRUM3" (2018), de Diego Paulino, também se somam a este movimento de deslocamento das margens, trazendo o debate da homofobia e do racismo para os roteiros e narrativas de produções que rompem com o protagonismo da branquitude cisheteronormativa. O primeiro foi premiado no Festival de Cinema de Brasília, em 2017; o segundo, dentre vários prêmios, recebeu o Teddy Award de Melhor Documentário do Festival Internacional de Cinema de Berlim; e o terceiro, vencedor da 22ª Mostra de Cinema de Tiradentes, além de vários outros prêmios e, atualmente, está no site Porta Curtas concorrendo ao Grande Prêmio do Cinema Brasileiro<sup>39</sup>.

Voltando aos anos 1980, o fotógrafo nigeriano Rotimi Fani-Kayodé

publicou o manifesto Traces of Ecstasy (1987): "É intencionalmente que eu faço fotos homossexuais. Homens negros do Terceiro Mundo ainda não revelaram, nem para seu próprio povo, nem para o Ocidente um fato chocante: eles podem desejar um ao outro". Com seu manifesto, Kayodé registrou a tradução de sua raiva e seu desejo em "novas imagens que implodissem percepções convencionais e que revelassem mundos ocultos". Tinha consciência de que muitas delas eram vistas como homossexualidade explícita; e que suas obras muitas vezes ganhavam notoriedade internacional pelo exotismo e pela hipersexualização do corpo negro.

*Por esta razão, eu sinto que é essencial resistir a todas as tentativas que desencorajam a expressão de uma identidade. No meu caso, minha identidade foi construída a partir de meu próprio senso de alteridade, seja cultural, racial ou sexual. Os três aspectos não estão separados dentro de mim. Fotografia é o instrumento pelo qual me sinto mais à vontade para me expressar. É a fotografia, portanto - negra, africana, homossexual - não apenas um instrumento, mas uma arma útil caso seja preciso resistir à ataques, à minha integridade e à minha existência (KAYODÉ, 1987, s.p.).*

Esse senso de alteridade que propiciou a construção identitária de Kayodé no final dos anos 1980 e, por conseguinte, tornou-se combustível de sua pulsão criadora fotográfica apresenta algumas similaridades ao movimento que observamos em espaços digitais de sociabilidade, como o YouTube, entre jovens negros e gays, bem como a verificação do diálogo direto entre os filmes americanos Tongues Untied e Moonlight; e o brasileiros "Afronte", "Bixa Travesty" e "NEGRUM3". Percebemos uma "conversa geracional" sobre o tema das intersecções do racismo e da homofobia, materializada em produtos midiáticos com linguagens diferenciadas, a partir de técnicas e possibilidades específicas de cada tempo e espaço.

Por isso, a criação de heterotopias (FOUCAULT, 2009) por "bichas pretas", para dar vazão às identidades e expressões via plataformas de

38 Em 2017, vinte pessoas negras foram indicadas — um recorde para a Academia.

39 Há outros filmes brasileiros disponibilizados em plataformas de streaming que abarcam a temática em questão, como "Além de PRETO, VIADO" (Lucas Porfírio, 2017), e ainda outros circulando por festivais de cinema por todo o país. Entretanto, devido à limitação de espaço e para garantir a exequibilidade deste artigo, decidimos pelas obras supracitadas.

compartilhamento de vídeos, como os doze canais do YouTube analisados, pode ser entendida como uma marca da atualidade desta geração. Um fenômeno sócio-discursivo midiático de construção e afirmação identitária, realizado pelos próprios atores envolvidos — insatisfeitos com as narrativas distópicas de perpetuação do racismo estrutural interseccionalizado com as violências homofóbicas.

Ao analisar a criação dos tweens, meninos e meninas entre a infância e a adolescência, a pesquisadora Renata Tomaz (2014) apresentou uma gênese de sujeitos pré-adolescentes, a partir das condições de possibilidades de sua emergência, no âmbito de uma cultura juvenilizada. Em seu trabalho, ela discutiu a prática da construção desses selfs, muito atrelada ao contexto midiático das sociedades contemporâneas, que de certa maneira irradia para outros segmentos populacionais, os quais enxergam a mídia como um catalisador dessa “necessidade” de eles próprios se narrarem. Sobre isso, ela escreve:

*Surge a possibilidade (ou a necessidade) de os indivíduos articularem, narrarem sua presença, participação, pertencimento a uma comunidade, já que esta não possui mais autoridade para determinar seus membros como tais. A compreensão deste homem interior, deste self, tangencia as práticas de subjetivação na contemporaneidade. É sobre esta alma interiorizada que os indivíduos intervêm, fazendo e refazendo seu próprio eu (TOMAZ, 2014, p. 186).*

Os vídeos veiculados pelos canais do YouTube de “bichas pretas”, que vão moldando e apresentando os selfs desses sujeitos, produzem um tipo de intimidade diferente da interação face a face. As representações do cotidiano, frequentemente disputadas, vão sendo paulatinamente alteradas e difundidas, pois, nesta interação propiciada pela dinâmica do YouTube, esses sujeitos criam e estabelecem formas de intimidade, expandidas no espaço e tempo da plataforma. Em diálogo com Tomaz, trazemos as reflexões de Thompson (1998), que nos faz crer no self como projeto simbólico que o indivíduo constrói ativamente, especialmente em um mundo mediado por aparatos tecnológicos. Para ele, o self não é um produto de exterioridade simbólica; e, tampouco, uma “entidade fixa” que os indivíduos podem instantaneamente apanhar. Ele é construído ativamente, ou seja, “um projeto

que o indivíduo constrói com os materiais simbólicos que lhe são disponíveis, materiais com que ele vai tecendo uma narrativa coerente da própria identidade” (THOMPSON, 1998, p. 183).

A narrativa das “bichas pretas”, calcada em suas vivências e na produção de subjetividades advindas de suas experiências distópicas, pode ser entendida como uma fissura de um regime de visualização excludente, que asfixia visualidades não-brancas e marginaliza sexualidades não-normativas. Tais corpos subalternizados, que cavam brechas de sobrevivência e constroem heterotopias (FOUCAULT, 2009) de fuga da dominação supremacista branca e heterossexual, se tornam lugares de partida para elaboração de si mesmos. Um empoderamento mediante aos hercúleos processos de dominação aos quais estão submetidos. Como afirma Luis Antonio Groppo, “os corpos juvenis e suas expressões de tribalismo aparecem como excelentes territórios para as subjetivações dissidentes” (2015, p. 572).

## Considerações Finais

Esta investigação se configura como início de uma embrionária pesquisa dentro do conjunto de estudos sobre as socializações ativas no campo do cotidiano midiático. Com ela, lançamos luz sobre práticas disruptivas de jovens negros e gays que, valendo-se das possibilidades disponíveis de seu tempo, tomaram a iniciativa de refutar a fixidez de estados de dominação e de criar técnicas de vida, estabelecendo para si “a forma mais bela possível aos olhos dos outros, de si mesmo e das gerações futuras, para as quais poderá servir de exemplo” (FOUCAULT, 2014, p. 238). Uma prática que tem como objetivo constituir a si mesmo como o artesão da beleza de sua própria vida e dar pistas de uma existência que fuja da asfixia. Espaços outros, como afirmou Foucault (2009).

A proliferação de canais do YouTube com a temática das “bichas pretas”, com sua estética e linguagem cada vez mais remixadas e transformadas, reflete essa “criatividade das práticas concretas” que nos escreve Groppo. “Bichas pretas” vêm desenvolvendo técnicas de si mesmas, de modo a criarem heterotopias midiáticas capazes de confrontar narrativas distópicas de aniquilamento de subjetividades e marginalização de seus corpos abjetos (BUTLER, 1999). Esse processo de empoderamento coletivo, a partir da vulnerabilidade, emerge como uma reação de sujeitos que têm, na atualidade, recursos tecnológicos os quais otimizam e fortalecem identidades

e sociabilidades.

Segundo Groppo, é preciso “valorizar os jovens como atores, como sujeitos capazes de resolver problemas imediatos que aparecem diante de si e da coletividade a que pertencem” (GROPPPO, 2015, p. 576). É nesse sentido que a atuação desses jovens na ambiência midiática desenvolve instrumentos que contribuem para a ressignificação de suas trajetórias e experiências e, desta forma, influenciam o grupo. Como afirma Maffesoli (2014, p.5), “a energia própria da socialidade se investe nesses lugares, reais ou simbólicos onde as tribos pós-modernas dividem os gostos que servem de cimento (ethos) ao fato de estarem juntos”. É nesse contexto que o espaço telânico do YouTube cria a ligação desses sujeitos e lança luz sobre o debate dos usos das TICs — tecnologias de informação e comunicação — como ferramentas de amplificação de pautas para combater a opressão (cis)heteronormativa interseccionalizada com o racismo.

Nessa primeira análise dos canais das “bichas pretas” no YouTube foi possível perceber a construção de heterotopias (FOUCAULT, 2009) que confrontam narrativas distópicas da supremacia branca e heterossexual, a partir de processos de subjetivação e construção identitária midiaticizada. Muitos outros aspectos<sup>40</sup> podem e devem ser abordados a partir do debate levantado neste texto, inclusive aplicando outras metodologias analíticas, pois os conteúdos apresentados pelos youtubers em questão são de extrema importância para os estudos de sexualidade, raça, juventude, comunicação, entre outros.

Em uma época de comunicação em rede, na qual a vida social, as mentalidades, os valores e os processos culturais estão definitivamente vinculados às telas e aos ambientes virtuais (MORAES, 2009, p.15), as vozes desses youtubers ecoam importantes discussões sobre os processos de produção de subjetividades e construções identitárias de “bichas pretas” numa batalha constante pela representatividade.

## REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. Obras Escolhidas I: Magia e Técnica, Arte e Política. São Paulo: Brasiliense, 8ª edição, 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. Óbitos por suicídio entre adolescentes e jovens negros 2012 a 2016 Universidade de Brasília, Observatório de Saúde de Populações em Vulnerabilidade – Brasília: Ministério da Saúde, 2018. Disponível em <<https://tinyurl.com/y4yzxalj>> Acesso em 17 de junho de 2019.

BURGESS, Jean; GREEN, Joshua. YouTube e a Revolução Digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade. São Paulo: Aleph, 2009

BUTLER, J. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, G. O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

\_\_\_\_\_. Problemas de gênero - feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Tentativas de aniquilamento de subjetividades LGBTIs / Conselho Federal de Psicologia. – Brasília, DF : CFP, 2019. Disponível em <<http://tiny.cc/xtmkjz>> Acesso em 04 de fevereiro de 2020.

FOUCAULT, M. Ética, sexualidade e política (Ditos e escritos V). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

\_\_\_\_\_, M. Outros espaços. In: \_\_\_\_\_. Estética: literatura e pintura, música e cinema (Ditos e escritos III). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. p. 411-422.

FREIRE FILHO, J. Força de expressão: construção, consumo e contestação das representações midiáticas das minorias. Revista Famecos. Porto Alegre, n. 28, dezembro de 2005.

---

40 Inclusive com vieses analíticos que complexifiquem o racismo a partir de uma perspectiva decolonial e proveniente de autoras/os negras/os, o qual nesse recorte não foi possível nos aprofundarmos.

GROPPO, L. Teorias pós-críticas da juventude: juvenilização, tribalismo e socialização ativa. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, 13 (2), pp. 567-579, 2015.

HALL, S. *Cultura e representação*. São Paulo: Ed. Apicuri, 2016.

HJARVARD, S. *A midiaticização da cultura e da sociedade*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2014.

HOOKS, b. *Living to Love*, 1993. Trad. Maísa Mendonça. In: Geledes, 2010, s/p. Disponível em < <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/> > Acesso em 27 de março de 2020.

JENKINS, Henry. *Cultura da Convergência*. São Paulo: Aleph, 2009.

KAYODÉ, R. Manifesto Traces of Ecstasy. FICINE - Fórum Itinerante de Cinema Negro. Trad. Janaína Damasceno. Disponível em <<http://ficine.org/?p=604>> e <<http://ficine.org/?p=613>> Acesso em 30 de julho de 2019.

KELLNER, D. *A Cultura da mídia. Estudos culturais, identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Bauru: Edusc, 2001.

LEWIS, G; IRISH, M; et al. Depression and self-harm from adolescence to young adulthood in sexual minorities compared with heterosexuals in the UK: a population-based cohort study. *The Lancet Child & Adolescent Health*, vol. 3, n. 2, p. 91-98.

MAFFESOLI, M. *A contemplação do mundo*. Porto Alegre: Artes e Ofícios Ed, 1995.

\_\_\_\_\_, M. *Homo Eroticus: comunhões emocionais*. Rio de Janeiro, Forense, 2014.

MORAES, D. *A Batalha da Mídia*. Rio de Janeiro: Pão e Rosas, 2009.

\_\_\_\_\_, D. *Sociedade Midiaticizada*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

OLIVEIRA, M. R. Seguindo os passos “delicados” de gays afeminados, viados

e bichas pretas no Brasil. In: CAETANO, M; SILVA JÚNIOR, P. [org] *De guri a cabra-macho: masculinidades no Brasil*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2018.

RECUERO, R. *Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RIBEIRO, D. *Quem tem medo do feminismo negro?* São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

THOMPSON, J. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*; Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

TOMAZ, R. *A invenção dos tweens: juventude, cultura e mídia*. Intercom – RBCC. São Paulo, v.37, n.2, p. 177-202, jul./dez. 2014.

ZAMBONI, J. *Educação bicha: uma a(na[l])rqueologia da diversidade sexual*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016.

Referências Cinematográficas

AFRONTA (Bruno Victor, Marcus Azevedo, 2017, 16min).

ALÉM de PRETO, VIADO (Lucas Porfírio, 2017, 25min).

BIXA Travesty (Claudia Priscilla, Kiko Goifman, 2018, 75min).

MOONLIGHT: Sob a luz do luar (Barry Jenkins, 2016, 110min).

NEGRUM3 (Diego Paulino, 2018, 20min).

TONGUES Untied (Marlon Riggs, 1989, 55min).

Últimas publicações dos autores

1. COTTA, D. *Disque Cidadania LGBT: a criação do serviço telefônico de combate à lgbtfobia no Estado do Rio de Janeiro*. In: BERRO! Expressão

e Comunicação LGBT+, 2019, Rio de Janeiro. Jornada Identidades, Corpos, Gêneros e Sexualidades. Rio de Janeiro: Metanoia Editora, 2019. p. 120-132.

2. COTTA, D. "O mais profundo é a pele: perspectivas teóricas sobre um coletivo chamado Flsh Mag. In: Chalini Torquato Gonçalves de Barros; Fernanda Ariane Silva Carrera. (Org.). Mídia e Diversidade: caminhos para reflexão e resistência. Ied.João Pessoa: Xeróca, 2018, v. 1, p. 431-450.

3. COTTA, D; REZENDE, R. 'Não curto afeminado!' Homofobia e misoginia em redes geossociais homoafetivas e os novos usos da cidade. Contemporânea (UFBA. Online), v. 13, p. 348-365, 2015.

4. COTTA, D; CABRAL FILHO, A. V. PARADA DO ORGULHO LGBT: uma estratégia midiática de visibilidade cultural. Revista Políticas Públicas & Cidades, v. 3, p. 26-41, 2015.

5. COTTA, D; SAAVEDRA, R. "Ao largo dos cariocas": artistas e identidades no Largo da Carioca. Revista Garrafa (PPGL/UFRJ), v. 13, p. 26, 2007.

1. REZENDE RIBEIRO, R. La réinfosphère brésilienne: fake news et intolérance dans la vie quotidienne numérique. SOCIÉTÉS (Paris), v. 147, p. 43-52, 2020.

2. REZENDE RIBEIRO, R. Réseaux d'affects et d'intolérance: l'imaginaire politique et la catharsis dans le quotidien médiatisé. SOCIÉTÉS (Paris), v. 142, p. 47-56, 2018.

3. REZENDE, R; GHETTI, M. A produção telejornalística cotidiana no tempo de redes sociais digitais: os usos do WhatsApp no RJTV. LÍBERO, v. 21, p. 174-188, 2018.

4. REZENDE, R; TAVARES, D. Sob o risco do artifício: algumas questões sobre a produção multimídia "As Quatro estações de Iracema e Dirceu". REVISTA FRONTEIRAS, v. 19, p. 1-16, 2017.

5. REZENDE, R; LAVINAS, E. Gastronomia midiática: reality shows e a estetização da comida na TV. Lumina, v. 11, p. 1, 2017.